

EXCLUSIVO CULTURA

# Salatinas, a página negra da história de Coimbra a caminho do cinema

Nos anos 40, milhares de pessoas foram expulsas da Alta de Coimbra em nome da construção do campus universitário. Três herdeiros dessa comunidade vão contar a história em filme.

**Paula Sofia Luz**

16 de Janeiro de 2025, 7:00



Esta história poderia começar com um clássico: uma jornalista, um arquitecto e um fotógrafo entram num bar. Lá dentro está um músico, que se há-de juntar a eles. E, em conjunto, este quarteto vai tornar imortais as memórias da cidade onde nasceu, especialmente um pedaço da história que ainda está por contar.

Estima-se que, a partir dos anos 40 do século passado, cerca de 3000 pessoas tenham sido deslocadas da Alta de Coimbra para outras áreas da cidade, zonas isoladas na época e que, entretanto, foram rodeadas e absorvidas pelo espaço urbano - Bairro de Celas, da Fonte do Castanheiro, Arregaça, Marechal Carmona (actual Norton de Matos).

Sob o pretexto de construir o então novo campus universitário, cerca de 200 edifícios em 20 quarteirões foram arrasados. “E todo o processo teve uma grande carga traumática, que resultou no desagregar do sentido de pertença e a perda de um modo de vida dos chamados 'salatinas' que levaram consigo o nome, tradições e histórias”.

É com esta apresentação que o grupo anda a percorrer as vielas da internet (<https://salatinas.wordpress.com/blog/>), à procura de financiamento que lhe permita transformar gravações, entrevistas, fotografias e todas as memórias num filme, em jeito de documentário.

A jornalista Filipa Queiroz, o realizador Tiago Cerveira e o arquitecto Rafael Vieira são o núcleo central deste trabalho de resgate, cuja banda sonora é assegurada pelo músico e compositor Gonçalo Parreirão. O filme - que segue o rasto dos poucos testemunhos vivos da demolição do bairro histórico que deu lugar ao actual Polo I da Universidade de Coimbra - tem estreia prevista para 2025. Para já, tem um site oficial (<http://www.salatinas.wordpress.com>), onde é possível assistir ao primeiro *teaser* de um trabalho que começou a ser desenvolvido na Primavera de 2023, com o apoio da Câmara Municipal de Coimbra.

Por esta altura, *Salatinas* está em fase de produção, angariação de parcerias e apoios de empresas e particulares através de um *crowdfunding* (<http://ppl.pt/salatinas>). O grupo sublinha que estão convocados “todos os que acreditam na importância deste trabalho de resgate de uma das memórias mais dolorosas da cidade. O objectivo é consolidar o financiamento e conseguir o

maior alcance possível em salas de cinema nacionais e internacionais, na televisão e disponibilizando uma websérie documental de forma gratuita na internet”.

Têm sido dias frenéticos para Filipa Queiroz (que entretanto se afastou do projecto jornalístico que fundara, a Coimbra Colectiva), Tiago Cerveira (autor de projectos como "O Meio e a Gente" e "Rostos de Aldeia") e Rafael Vieira, habituado a resgatar memórias gráficas da cidade através de projectos como “Tipos de Coimbra” e “Coimbrastreetart”. Colaborador de várias publicações no âmbito da arquitectura, em 2022 (re)abriu o portal salatina com uma reportagem sobre o tema. Em breve vai lançar um livro.



O objectivo era fazer o campus universitário

Filipa e Rafael são netos de salatinas. “Eu cresci na Alta, a minha avó ainda é viva, e esta será também uma forma de perpetuarmos no tempo estas memórias dos nossos avós e lançar pontes para o futuro”, afirma ao PÚBLICO Filipa Queiroz. Entretanto, juntou-se Tiago, habituado a traduzir em filme e documentário a história e a gente de todo o país. Também ele nasceu em Coimbra e manteve a ligação, mesmo quando longe.

# Porquê salatinas?

“Algumas vão dizer que o nome vem da batalha do Salado. Mas há vários professores e investigadores que o contestam. Por exemplo, Reis Torgal diz que isso não faz sentido”, explica Rafael Vieira. Filipa acredita que o nome “tornou-se mitológico, muitas vezes associado aos piratas de Salé, em Marrocos”. Não raras vezes ouve-se a expressão “vocês são uns piratas, uns salatinas”. Há ainda outra explicação, que se prende com a Via Latina, onde a determinada altura só se podia falar latim. Muitos anos depois, na década de 80/90 do século passado, uma discoteca de Coimbra haveria de evocar o nome.

Os que ainda estão vivos talvez não ultrapassem uma ou duas centenas, contando com aqueles que partiram de Coimbra para o mundo. Entre os que ficaram, nos bairros agora investigados pelo grupo, quase chegam os dedos das mãos para os contar.

É com emoção que recebem Filipa, Tiago e Rafael. “As pessoas estão a adorar. Nunca tiveram hipótese de falar sobre isto, e de repente vêem-se no centro das atenções. E depois sentem que com elas morre essa história, e que assim é possível deixá-la para a posteridade”, conta Filipa. Rafael recorda a forma como os três têm mergulhado na vida dos bairros para onde os salatinas se mudaram, à força. Vão a convívios, participam da vida das comunidades, tudo por uma boa história que hão-de contar. O filme tem um orçamento na casa dos 30 mil euros, dos quais apenas 10 mil foram garantidos pela Câmara de Coimbra. Corre agora o *crowdfunding* para encontrar o que falta. Porque o filme verá a luz do dia “independentemente do dinheiro”, e este trio olha para ele como “uma missão”.

Tiago Cerveira explica que, nesta fase (pré-produção misturada com produção), “a narrativa ainda não está traçada”. “É um guião vivo”, justifica.

Filipa Queiroz sublinha a importância de “criar um conteúdo com o qual as pessoas não estejam familiarizadas”. “Queremos mesmo que tropecem na temática. Vamos seguir o fio do novelo e desenrolá-lo para o futuro, até porque este é um tema tão actual - o da habitação. E agora podemos pegar na liberdade que temos hoje para contar o que aconteceu”.

Todos olham para este pedaço da história de Coimbra como “um episódio brutal”. “As pessoas foram deslocadas e pronto. Atiraram-nas para fora sem saberem para onde ir, e elas foram obrigadas a construir tudo de novo, noutras locais”. Ainda assim, há um lado menos sombrio nesta história: “quando vamos falando com as pessoas, percebemos que mudaram para melhor. Mas também houve pessoas que morreram pelo caminho, de desgosto”, enfatiza Filipa.

Para já, o grupo vai recolhendo todos os testemunhos que consegue, juntando imagens e documentos, e apela a todos os que tenham algum acervo que o disponibilizem. Quando chegar o verão, o filme há-de ser exibido para todos. Filipa, Rafael e Tiago sonham com uma sessão de estreia “em plena Rua Larga, aberto a toda a comunidade. Que possamos misturar as pessoas, e a partir daí tudo se desdobre em conversas”. E então cumprir-se esta missão de “contar a história dos salatinas, que é não só homenagear a população de Coimbra como provocar a reflexão e acção sobre uma área tão importante como a habitação, em particular a habitação social e acessível”.



*Abrir portas  
onde se  
erguem  
muros*

### Siga-nos

- ✉ Newsletters
- 🔔 Alertas
- 📘 Facebook
- ✕ X
- 📷 Instagram
- 🌐 LinkedIn
- 📺 Youtube
- 📡 RSS

### Sobre

- Provedor do Leitor
- Ficha técnica
- Autores
- Contactos
- Estatuto editorial
- Livro de estilo
- Publicidade
- Ajuda

### Serviços

- Aplicações
- Loja
- Meteorologia
- Imobiliário

### Assinaturas

- Edição impressa
- Jogos
- Newsletters exclusivas
- Estante P
- Opinião
- Assinar

### Informação legal

- Principais fluxos financeiros
- Estrutura accionista
- Regulamento de Comunicação de Infracções
- Política para a prevenção da corrupção e infracções conexas
- Plano de Prevenção de Riscos de Corrupção